

DOI: [10.20396/rfe.v14i2.8670257](https://doi.org/10.20396/rfe.v14i2.8670257)

A filosofia da pergunta no percurso da formação de si mesmo

Jose Aparecido de Oliveira Lima¹ Junot Cornélio Matos² 

Resumo:

O falar desse artigo repousa em uma filosofia da pergunta! Talvez devêssemos, desde já, expressar que quanto mais problematizamos e questionamos a respeito de algo, mais temos a possibilidade de compreendê-lo melhor. Nesse processo, o objetivo deste artigo é enfatizar a caminhada do ser humano ao conhecimento de si mesmo pelo perguntar-se. Queremos dizer que não podemos estar preocupados em apenas dispor de respostas, e sim em reiterar a prática da pergunta. Ora, quanto mais voltamos o olhar para nosso modo de viver a vida, mais temos a oportunidade de um encontro íntimo conosco. O questionar-se pode afrontar um modo de viver indolente. Portanto, toda a realidade que confrontamos refere-se ao nosso modo de agir no mundo. Fundamentados no pensamento de Michel Foucault (2010), trataremos aqui das perguntas da vida como horizonte para uma formação e transformação do ser humano, naquilo que enfatizaremos como uma maneira de viver a vida.

Palavras-chave: Filosofia e Educação. Filosofia da Pergunta. Filosofia de Vida.

Abstract:

The talk of this article rests on a philosophy of the question! Perhaps we should, from now on, express that the more we problematize and we ask about something, more we have the possibility to understand it better. In this process, the purpose of this article is to emphasize the human being's journey to self-knowledge by ask yourself. We mean we can't be worried in just having of answers, and yes in reiterating the practice of the question. Now, the more we turn our gaze to our way of living life, more we have the opportunity for an intimate encounter with ourselves. Questioning oneself can affront an indolent way of life. Therefore, all the reality that we confront it refers to our way of acting in the world. Based on the thought of Michel Foucault (2010), we will deal here with the questions of life as a horizon for the formation and transformation of the human being, in what we will emphasize as a way of living life.

Keywords: Philosophy and Education. Philosophy of the Question. Life's philosophy.

¹Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas. Professor efetivo da Secretaria Estadual de Educação. E-mail: aparecido.filosofia@gmail.com

²Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco E-mail: junotcmatos@gmail.com

Introdução

As características humanas e a busca pelo conhecimento percorrem o caminho da vida lado a lado. Pensamos não ser possível dissociar um do outro. Em geral, o ser humano, desde o nascimento, depende da natureza e daquilo que ela oferece para sua satisfação e sobrevivência. Isso pressupõe que os contextos da contemporaneidade afetam a formação dos sujeitos desde sua infância.

Desejando delinear, preliminarmente, uma interpretação que revele nosso pensar acerca da formação humana, entendemos que desde o princípio o ser humano, para sua sobrevivência, se utiliza da problematização e transformação da natureza para edificação e/ou reprodução da maneira como vive ou sobrevive no mundo, seja no entendimento da terra com o intuito de plantar para comer, seja na conservação da água limpa para beber, sejam nos métodos de colheita do alimento no sentido do sustento dos seus, ou mesmo em outros meios de conseguir recursos naturais para sua sobrevivência no mundo. Ora, é “[...] a ação de perguntar induzindo à ação de transformar” (MATOS, 2021, p. 37).

Aprendemos, a partir de uma inquietude com o modo de vida, que carecemos da perguntação, da interpretação da realidade e de seu contexto para uma transformação/criação/produção/sustentação conforme as necessidades para a subsistência. É assim em razão da inconclusão do animal humano. Nascemos sem um repertório suficiente para nossa vida neste espaço/tempo chamado “mundo”.

Por isso, precisamos fundamentar nossa forma de agir em meio ao dia a dia, não só com vista em nossas necessidades básicas ou no bom relacionamento com as outras pessoas, mas considerando amadurecer um preocupar-se consigo¹. Esse cuidado com as carências de si mesmo não pode

¹ Essa concepção colocada aqui sobre ocupar-se consigo é uma prática de vida que, por conseguinte, em uma leitura platônica, exala para o cuidado com o outro. Ora: “Essa definição é capital. O si mesmo na relação de si consigo, o si mesmo nessa relação de zelo por si mesmo é definido [em primeiro lugar] pela *phrónesis*, isto é, a razão de certo modo prática, a razão em exercício, a que permite tomar as boas decisões, a que permite rechaçar as opiniões falsas” (FOUCAULT, 2011, p. 74).

ser vista apenas como uma preocupação em sobreviver, mas como uma configuração contínua para um modo de viver a vida. Para Foucault (2010, p. 446): “Ocupar-se consigo não é, pois, uma simples preparação momentânea para a vida; é uma forma de vida”.

O preocupar-se como modificação da maneira de viver

O sujeito não é movido apenas pela sua urgência de sobrevivência ante a natureza. Ele tem, também, o desejo de obter e criar conhecimentos. A partir da relação com o mundo, o ser humano passa a perguntar, a problematizar e a estabelecer uma convergência de transformação da própria natureza e do uso que dela faz e, nisso, diferencia-se dos outros animais. Nesse aspecto, o ser humano é o único animal da natureza que se incomoda e que busca se transformar e transformar o meio em que vive. Sergio Lessa e Ivo Tonet (2008, p. 18) convidam-nos a imaginar nossas necessidades e como buscamos supri-las:

Vamos imaginar que alguém tenha a necessidade de quebrar um coco. Para atingir esse objetivo, há várias alternativas possíveis: pode jogar o coco no chão, pode construir um machado, pode queimá-lo e assim por diante. Para escolher entre as alternativas, deve imaginar o resultado de cada uma, ou, em outras palavras, deve antecipar na consciência o resultado provável de cada alternativa. Essa antecipação na consciência do resultado provável de cada alternativa possibilita às pessoas escolherem aquela que avaliam como a melhor. Escolha feita, o indivíduo leva-a a prática, ou seja, objetiva a alternativa. Vamos imaginar que a alternativa escolhida para quebrar o coco seja a de construir um machado. Ao construí-lo, o indivíduo transformou a natureza, pois o machado era algo que não existia antes. Isso é da maior importância, uma vez que toda objetivação é uma transformação da realidade.

A reflexão dos autores contribui com nossa problematização ao enfatizar que o ser humano se inclina, por natureza, a transformar o contexto em que vive, gerando novas práticas, renovadas perguntas e novos saberes. Dentre eles, em nossa humilde percepção, o conhecimento filosófico se encaixa justamente na importância da contestação dessa realidade.

No dizer de Foucault (2008, p. 119), aquilo que foi objetivado e/ou anunciado, pode sofrer, no campo das contestações, uma integração, modificação ou oposição. Assim, aquilo que foi declarado/pretendido “[...] circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade”.

Não tratamos aqui apenas de novas práticas, novas perguntas ou novos conhecimentos, mas de se incomodar e/ou contestar a realidade vivida. Além disso, transformando a natureza ele pode transformar a si mesmo, se humaniza no mesmo movimento de humanização do mundo. Quer dizer, as articulações entre o mundo e o nosso agir no mundo compreende um caminho de sentidos para a vida, refletida nas bordas do modo como nos relacionamos com o outro. Isso porque não há sentido algum para uma vida sem sentidos.

O incômodo filosófico na antiguidade, na modernidade ou na contemporaneidade mostra-se como parte da natureza humana e de sua necessidade para seu desenvolvimento, ou melhor, uma relação recíproca de instigação em favor de um ser humano que se remói diante dos embaraços da vida, muda o mundo e se modifica. Para Foucault (2010b, p. 321), não se trata de uma filosofia política ou científica, ou mesmo que busca determinar aquilo que é falso ou verdadeiro, mas de uma filosofia de vida crítica e transformadora:

[...] A filosofia não tem de dizer o que se deve fazer na política. Ela tem de estar numa exterioridade permanente e rebelde em relação à política, e é nisso que ela é real. Em segundo lugar, a filosofia não tem de compartilhar o verdadeiro e o falso no domínio da ciência. Ela tem de exercer perpetuamente sua crítica ao que é logro, engano e ilusão, e é nisso que ela joga o jogo dialético da sua própria verdade. Enfim, em terceiro lugar, a filosofia não tem de desalienar o sujeito. Ela tem de definir as formas nas quais a relação consigo pode eventualmente se transformar. A filosofia como ascese, a filosofia como crítica, a filosofia como exterioridade rebelde à política, creio que é esse o modo de ser da filosofia moderna. Era, em todo caso, o modo de ser da filosofia antiga.

Consideramos que essa criticidade utilizada diante da realidade pode fazer parte da formação dos sujeitos, como um contributo para a busca de sentidos para a sua vida e para as coisas que o cercam. Todo espanto acerca

do mundo e do conhecimento sobre o modo de viver a vida tem como desfecho a nossa própria forma de ver a história e de experienciar as vivências, pois os conhecimentos adquiridos por meio da problematização do ser humano que transforma a realidade dão ênfase a novos questionamentos, sobretudo, a novas formas de ver e de viver essas realidades.

Nesse contexto e com essa perspectiva, evidencia-se a importância de uma Filosofia em favor da formação do sujeito que pergunta e que quer saber, pois como colocam Cipriano Luckesi e Elizete Passos (2004, p. 13):

No cotidiano, o conhecimento parece ser alguma coisa tão corriqueira que nós não nos perguntamos pelo que ele é, pelo seu processo, pela sua origem, pela sua forma de apropriação. Aos poucos, ao longo de nossa infância, adolescência, juventude, vamos adquirindo entendimentos das coisas que compõem o mundo que nos cerca, das relações com as pessoas, das normas morais e sociais que regem as relações entre os seres humanos. Nós, por isso, nos acostumamos a esses entendimentos, a partir do momento em que fomos adquirindo-os espontaneamente. Com eles e a partir deles, conversamos, discutimos, temos certezas e dúvidas, formulamos juízos. Contudo, quase nunca, exceção feita aos especialistas, nos perguntamos sobre o que é o conhecimento, seu significado, origem. Habitua-mo-nos a utilizar o entendimento, por isso não o problematizamos.

Cipriano e Elizete (2004) interpretam que o processo de formação e transformação é caracterizado pela capacidade dos seres humanos em superar os paradigmas sociais do cotidiano, nos quais estão embrutecendo e ignorando as experiências, habituando-se a moldes conservadores. Sendo assim, é importante compreender esse estigma, lançar-se em novos horizontes, sobretudo na quebra desses padrões.

Para Miguel Arroyo (2013), essa visão contribui com o não reconhecimento das diversidades, ou melhor, ignoram sujeitos e suas experiências de vida. Nesse sentido, segundo o autor, ignorar as vivências é ignorar as heterogeneidades do mundo, ou melhor, as pluralidades e diversidades das formas de ler e pensar o real à nossa volta e, por outro lado, é “[...] impor uma única leitura e forma de pensar de um único coletivo humano, social, racional, de gênero ou espaço, como conhecimento comum, único” (ARROYO, 2013, p. 78).

A ânsia pela curiosidade é instigante, mas pode revelar-se adormecida aqui ou ali. No entanto, o esforço pelas interrogações da vida precisa ser uma marca no ser humano que deve sempre existir, pois é isso que o distingue dos demais animais e, portanto, é conveniente estar em constante conflito com a realidade em que se vive, sem a audácia de ignorá-la.

Aqui, reafirmamos que a inquietação do ser humano diante da sua realidade não só o conduz ao conhecimento como, sobretudo, o diferencia uns dos outros. Nesse caso, discorremos sobre como cada um age frente às regras, às leis e aos padrões que modelam o agir e o pensar de cada sujeito ou grupo social.

Atualmente, é complicado o entendimento de exclusão tão facilmente difundido, mas isso se deve aos sujeitos inseridos em contextos indolentes e vivendo submetidos a alguma determinada cultura, paradigma ou ideologia sem nenhuma razão prática acerca do espanto necessário perante seu modo de viver a vida. Para Scott Samuelson (2020), o “espanto” deve ser uma conotação tanto de assombro quanto de admiração. Ou melhor, “[...] até nossas pequenas perplexidades decorrem de um espanto básico” (SAMUELSON, 2020, p. 19).

Concebemos que o caminho do espanto, colocado por Samuelson (2020), visa a essência da vida e nos remete aos perigos e adversidades do mundo real e, sobretudo, condiciona-nos a enxergar nossos próprios limites. A indolência, causada muitas vezes pela ignorância, desintegra a ideia original de um sujeito que pode ser consciente de si, curioso e confrontador de sua realidade. É relevante tomar consciência acerca das inquietações da própria vida.

A teia da vida que construímos ao longo das transformações que fizemos e fazemos da realidade em que estávamos e estamos pode nos conduzir a conflitos existenciais que são vistos na sociedade atual como banais. Os seres humanos são, por natureza, transformadores de sua realidade e, pela metamorfose do cotidiano, eles estão cativados a investigar, a problematizar e a propor perguntas jamais pensadas, mas que são incessantemente evocadas pelos gritos silenciados e desprezados pela

sociedade. São gritos de reconhecimento, de sobrevivência, de aceitação, de opressão, de desigualdade.

Essa jornada filosófica na formação do ser humano, que envolve provocações, espanto, perguntação, consciência de si e transformação do real, pode acontecer na e pela pergunta. Aliás, a filosofia da pergunta pode representar mais, ou seja, vigorar também o propósito de fazer parte de uma relação recíproca que envolve o ser humano, o conhecimento e o sentido configurado no modo de viver sua própria vida. Larrosa (2017) justifica que cada sujeito tenta afeiçoar sentidos para o modo de viver respaldado por suas experiências de vida. O autor defende que “[...] cada um tenta dar um sentido a si mesmo, construindo-se como um ser de palavras a partir das palavras e dos vínculos narrativos que recebeu” (LARROSA, 2017, p. 31).

Nesse sentido, depreende-se dessa discussão que o ser humano, enquanto um ser racional que duvida, contesta e pergunta, pode inclinar-se para uma autorreflexão histórica e problematizadora de sua realidade vivida. Deveras, a ausência de um cuidado autocrítico com o modo de viver e sem uma autonomia de pensamento pode conduzi-lo ao esquecimento das transformações históricas e à inércia da maneira de experienciar e interpretar o mundo.

A perguntação como configuração da “arte de viver”

Não é por acaso que nos tornamos aquilo que somos, após as construções e as reconstruções decorrentes daquilo que fazemos acerca das perguntas e do modo como agimos no mundo. Sem a pretensão de assentar respostas ou verticalizar nossa averiguação, podemos considerar questões que nos cercam ao longo da vida. Por outro lado, entendemos também que a ação do perguntar “[...] vislumbra possibilidades de sentimentos que conduzem à ação e, por seu turno, suscitam novos perguntares” (MATOS, 2021, p. 29). Ora, concordamos também que esse perguntar é um processo educativo que remonta a uma construção e reconstrução de si.

Nesse sentido, qual contexto da vida nos cerca, nos forma e nos transforma? Como saber que tipo de formação humana estamos tendo na trajetória de nossas vidas? Como buscamos compreender o conjunto de características e qualidades particulares no mundo à nossa volta? Qual filosofia, dentre as inúmeras filosofias, podem contribuir para a nossa formação? Qual formação? Nossa formação acontece a partir de nossas vivências educativas? Qual educação? A instrução especializada prepara-nos para uma perspectiva mercadológica ou existencial? Qual o nosso contexto social, político e econômico? Como saber se devemos nos desprender daquilo que nos aprisiona?

Queremos antes enfatizar que todas as questões acima não necessariamente possuem necessidade de respostas aqui em nosso texto, pois pensamos que pode levar uma vida inteira para chegar a algumas dessas conclusões. Aqui consiste em pensar nas configurações da formação humana, tendo em vista uma construção coletiva da maneira de ver e viver a vida. Segundo Matos (2021, p. 49) “[...] a humanidade não é um *a priori* que nos é dado via fecundação. É uma construção fundada em relações concretas, forjadas ao longo da vida”. Essa relação é reconhecida na convivência com o outro, com o meio e com o mundo que cada vez mais tenta nos definir e efetivamente padronizar nosso jeito peculiar de responder, de perguntar e de ser humano.

Também, essas questões remetem a um crescimento contínuo e essencial para a formação de nossa identidade. Podemos denominar esses questionamentos como um percurso que modela nosso modo de pensar e ser, ou seja, do ponto de vista foucaultiano (2010), a pergunta pode ser configurada como a “arte de viver”. A pergunta sobre a vida pode levar-nos à contemplação de nós mesmos diante do modo de viver que temos. Quanto mais questionamos acerca de nosso modo de viver no mundo, mais temos a possibilidade de conhecer o mundo à nossa volta e, conseqüentemente, de conhecer o modo como vivemos a nossa própria vida. Segundo Foucault (2010, p. 161), a “arte de viver” deve girar em torno da pergunta:

A pergunta – ‘como fazer para viver como se deve?’ – era a pergunta da *tékhne tou bíou*: qual é o saber que me possibilitará viver como devo viver, como devo viver enquanto indivíduo, enquanto cidadão etc.? Essa pergunta (‘como fazer para viver como convém?’) tornar-se-á cada vez mais idêntica ou cada vez mais nitidamente incorporada à pergunta; ‘como fazer para que o eu se torne e permaneça aquilo que ele deve ser?’.

Cabe, neste momento, uma discussão acerca dos termos colocados por Foucault. Parece-nos que tanto o ser humano – aqui assumimos a importância de suas experiências de vida para a sua formação identitária – quanto sua conexão com a Filosofia ou com o conhecimento de mundo necessita comumente de atenção e de um envolvimento vigilante com a realidade inserida. Essa realidade, na prática, se refere diretamente na relação com o outro que, no entanto, vale ressaltar, não é só cognição, mas também corpo, linguagem e vivências.

Pensamos, instigados por Foucault (2010), que a pergunta que nos modela, que nos torna o que somos e que faz parte de nosso modo de viver coparticipa com as questões do próprio mundo, naquilo que se refere ao seu contexto histórico, social, humano e a todas as possibilidades que se encontram nele também. Nesse sentido, podemos afirmar que essa “técnica de vida” como arte de viver tem como fundamentação o questionamento do mundo para o entendimento de si mesmo e do modo como agimos diante do mundo.

Devemos observar nas ideias de Foucault (2010) que a “técnica de vida” impacta na formação de si como contributo necessário para a observação daquilo que está fora de si, ou seja, no outro e no mundo. Essa relação que envolve o si mesmo, o outro e o mundo rege e se torna um relevante instrumento na arte de viver a vida. Desse modo, talvez seja pertinente indicar que essa “técnica de vida” seja a própria maneira de viver a vida. Ela que porta a marca da indignação, da inquietação, do movimentar-se de si para si e de si para os demais.

A pergunta parte de nós pelo efeito das relações e provocações resultantes do mundo. É a expressão de nossa pertença ao mundo, da forma como ele nos fala e de como nós dialogamos com ele. A mudança no viver a vida através da pergunta contribui na mudança de configuração daquilo que

realmente é o mundo em que se vive. É um cuidado de si que resulta no cuidado do outro e do mundo. É um perguntar de si que deriva no perguntar acerca do outro e do mundo. Esse é o palco sobre o qual alicerçamos nosso pensar, nosso cuidado de si caracterizado pelo cuidado que devemos ter do outro no mundo.

Ora “[...] o ato da visão, que permite ao olho apreender a si mesmo, só pode efetuar-se em outro ato de visão, aquela que se encontra no olho do outro” (FOUCAULT, 2006, p. 88). Essa comparação de Foucault parece oportuna e mostra-nos que mesmo pensando na formação autônoma de si mesmo, nosso modo de viver e pensar a vida só se materializa na relação com o outro.

Isso significa que a formação atenta ao cuidado de si e, conseqüentemente, do outro, deve emanar do perguntar como um contributo de transformação e ressignificação da arte de viver. Isso pressupõe que devemos ter a audácia de olhar para nós mesmos e, por conseguinte, para o mundo à nossa volta. Segundo Foucault (2006, p. 14): “O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento”. O demorar-se no pensar pode oportunizar práticas mais sensatas, porém subversivas, se necessárias. A ausência de uma consciência de si pode abrir portas para uma vivência delimitada pela autocracia e pela indiferença, pois como bem colocado por Foucault (2010), perceber o “eu” pode ser a meta final da arte de viver.

Aliás, temos defendido tanto quanto possível o exercício da perguntação como um contributo necessário para uma formação autônoma e transformadora do ser humano e do meio em que vive, pois essa autocrítica de si faz dos sujeitos envolvidos agentes ativos no processo reconstrutivo de sua relação com o mundo. Vale ressaltar que afirmar a necessidade de perguntar-se não implica, necessariamente, apoiar-se em um olhar individualista e egocêntrico, mas na dinâmica constituinte para o conhecimento de si mesmo.

A esse propósito, Pierre Hadot (2016, p. 138) entende que o cuidado de si “[...] não é em absoluto um cuidado com o bem-estar, no sentido

moderno do termo; o cuidado de si consiste em tomar consciência de quem se é realmente [...]”. Quanto mais temos lucidez acerca de nós e, porventura, de nossas ações, melhor compreendemos os aspectos e posturas de nosso agir cotidianamente. Ora, aqui podemos enfatizar que a formação do sujeito autônomo está intimamente relacionada ao percurso crítico desse sujeito no mundo e diante do mundo.

Para Adorno (1995, p. 183), o desleixo das perguntas da vida pode estar camuflado pelas conformidades das respostas imediatistas do mundo moderno. A propósito, passa-se a ideia de que vivemos a ausência do autogoverno, pois “[...] hoje em dia o mecanismo da ausência de emancipação é o *mundus vult decipi* em âmbito planetário, de que o mundo quer ser enganado”.

Por fim, é interessante olhar para si mesmo. Perceber-se no dizer do outro, nas narrativas do outro, especialmente nas destituições do outro, que podem ser as mesmas que as nossas. Não podemos ignorar o laço que envolve “[...] o cuidado de si para o cuidado dos outros[...]”, pois segundo Foucault (2010, p. 158) devemos nos ocupar com o cuidado de si como um instrumento que nos conduz a ocupar-nos com os outros, ou seja: “[...] ocupo-me comigo para poder ocupar-me com os outros”. Concordamos que isso não pode ser dissociado. E, sem embargo, em nosso humilde dizer, esta é uma arte de viver.

Considerações finais

Diante dessas concepções e do estigma atual que vivemos, devemos ser constantemente desafiados a problematizar essa realidade que faz parte da formação de cada sujeito, que expõe inquietações e que desestabiliza a vida cotidiana com o outro e com o mundo, pois não pode existir reconstrução identitária desse “eu” sem uma problematização histórica de sua identidade anterior com o outro e com o mundo.

Dessa forma, falamos de uma filosofia da pergunta e de um cuidado de si, fundamentados na configuração do “eu” enquanto prática para um modo de viver e enquanto autonomia de pensamento. Concordamos que não pensar

por si mesmo resulta em reproduzir o pensar de outros, em viver o modo de vida de outros, em consentir as representações dos outros como verdadeiras.

Noutras palavras, a filosofia da pergunta e o olhar para si mesmo devem andar de mãos dadas com as experiências de vida, que podem ser traduzidas nas lutas por reconhecimento e nas ressignificações das convicções. Ou seja, o exercício do cuidado de si “[...] torna-se coextensivo a vida” (FOUCAULT, 2010, p. 79).

Pensar, por outro lado, em uma formação conservadora causa-nos espanto, pois somos cotidianamente perpassados por heterogêneos modos de viver. Contudo, estando em meio às vivências da formação contemporânea, percebemos que tal perspectiva, no âmbito educacional da formação dos experts, se torna incoerente. Ora, deve ser objetivo da educação tradicional dar voz ao diferente. Por mais difícil que seja se desvincular dessa formação engessada das competências e habilidades, o desejável seria contribuir com a formação do pensar por si mesmo, fazendo o sujeito despertar para o respeito ao pensamento diferente.

Sem embargo, dado que nossa proposta circula por uma consciência de si, sentimo-nos obrigados a estender essa formação do ser humano no horizonte de levar o outro a ter consciência de suas maneiras de viver, pois “[...] quem se ocupa consigo, torna-se capaz de ocupar-se com os outros” (FOUCAULT, 2010, p. 158). Esse ocupar-se consigo pode configurar um ocupar-se com o outro naquilo que incentiva o outro a pensar e a cuidar também de si mesmo.

Foucault (2006) sustenta a relevância do interrogar-se, tendo em vista que questionar é se aproximar da verdade. Se vamos alcançar, é outra história. Tratamos aqui da busca, pela pergunta. O ato de desnudar a realidade é uma incessante caminhada pelas veredas das interpretações do mundo da vida em que estamos inseridos. Buscar hoje a verdade na concretude das experiências de vida é atender as perguntas da vida que estão em contínua situação de contradição ou escondidas, Foucault (2006, p. 19) defende uma filosofia como um “[...] pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade”.

Circulamos em torno do pensamento, a partir do qual todo esse movimento de formação humana pode/deve contribuir para um processo de emancipação de si mesmo. Não tratamos aqui de emancipação no sentido utópico de uma liberdade, como um lindo sonho de verão. Não pensamos aqui em uma filosofia messiânica ou em uma educação idealista ou purificadora, mas por outro lado tratamos aqui do poder da pergunta como uma contribuição para o processo de formação de si mesmo. Essa contribuição significa a superação da indolência reproduzida na preguiça e na covardia do viver a vida. Para Foucault (2010b, p. 32): “A preguiça e a covardia são aquilo pelo que não damos a nós mesmos a decisão, a força e a coragem de ter com nós mesmos a relação de autonomia que nos permite nos servir da nossa razão e da nossa moral”. Enfim, uma filosofia da pergunta que nos provoca, nos impulsiona e nos auxilia a olhar para nós mesmos.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A coragem de dizer a verdade**: o governo de si e dos outros II. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. Tradução de Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

HADOT, Pierre, 1922-2010. **A filosofia como maneira de viver:** entrevistas de Jeannie Carlier e Arnold I. Davidson/Pierre Hadot. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. 1. ed. São Paulo: É realizações, 2016.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana:** danças, piruetas e mascaradas. 6. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LESSA, Sergio; TONET, Ivo. **Introdução à Filosofia de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LUCKESI, Cipriano. PASSOS, Elizete. **Introdução à Filosofia:** aprendendo a pensar. São Paulo: Cortez, 2004.

MATOS, Junot C. **Filosofia (da) perguntação.** Organizadores: Junot Cornélio Matos e Gildimar Guilherme da Silva. 1. ed. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021.

SAMUELSON, Scott. **A filosofia na vida cotidiana:** uma introdução simples aos grandes temas filosóficos. Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges; revisão técnica Filipe Ceppas. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Artigo recebido em: 06/07/2022

Artigo aprovado em: 20/07/2022

Artigo publicado em: 30/08/2022